

# Singularidade cínica e enfrentamento: a coragem da verdade de Meursault em *O estrangeiro*

Helano Jader Cavalcante Ribeiro<sup>1</sup>

1

**Resumo:** Este artigo pretende traçar uma análise entre o último curso de Michel Foucault *Le courage de La vérité* e o romance de Albert Camus *O estrangeiro*, mostrando como se dá a questão do discurso “verdadeiro” através de uma existência outra, uma existência bela, livre das convenções. Propomo-nos também a fazer a análise do personagem Meursault como uma singularidade segundo o conceito homônimo de Gilles Deleuze em seu livro *A lógica do sentido*, bem como através de seus interlocutores como o próprio Foucault.

**Palavras-chave:** Coragem da verdade; *O estrangeiro*; Michel Foucault

**Abstract:** This article seeks to draw a relationship between the last course of Michel Foucault, *La courage de la vérité*, and Albert Camus' novel *L'étranger*, showing how is the question of real speech through an other existence, a beautiful existence, free from all conventions. We also propose to make the analysis of the main character Meursault as a singularity according to the homonymous concept of Gilles Deleuze in his book *Logic of Sense*, as well as through its partners Michel Foucault.

**Keywords:** Courage of the truth; *L'étranger*; Michel Foucault  
Olhando fixamente para o mar

---

<sup>1</sup> Mestrando em Teoria da Literatura pela UFSC, bolsista CNPq

Olhando fixamente par o sol  
Olhando fixamente para mim mesmo  
Refletindo nos olhos  
Do homem morto na praia  
Eu estou vivo  
Eu estou morto  
Eu sou um estrangeiro  
Matando um árabe

(The Cure: Killing an Arab<sup>2</sup>)

Se pudéssemos representar o homem do século XX na literatura, diante de todos os seus medos e angústias, diante da possibilidade de usar a “verdade” de seu discurso sem temer as consequências, teríamos o personagem Meursault do livro do escritor franco-argelino Albert Camus, que é, com Sartre, o escritor mais representativo do existencialismo francês. Camus lança *O estrangeiro* em 1942. Sartre o procura logo após ter lido o romance e aponta-o como um grande clássico da literatura francesa. Desenvolve o filósofo francês uma amizade com o escritor para rompê-la dez anos depois devido a conflitos ideológicos com a obra *O homem revoltado*<sup>3</sup>. Publicada em 1951, representou uma crítica aos regimes totalitários, atribuindo a eles culpa pela violência crescente da época. *O homem revoltado* trata da imposição da morte dada a outras pessoas.

---

<sup>2</sup> Música da banda de rock inglês The Cure, composição baseada na obra de Albert Camus, *O estrangeiro*. Lançada em 1978 a música alcançou grande sucesso, não obstante a polêmica causada, já que a banda foi acusada de racista por tratar de um episódio em que alguém mata um árabe na praia.

<sup>3</sup> *O homem revoltado* (em francês, *L'homme révolté*) é um ensaio filosófico escrito por Albert Camus. O livro analisa o conceito da Revolta de um ponto de vista histórico. Analisando suas características e seus desvirtuamentos. A revolta para Camus tem uma dupla significação. Não é apenas histórica (apesar do seu ensaio ser histórico, ou seja, analisa as manifestações históricas da revolta), a revolta encontra algo de irreduzível à história.

*O estrangeiro* é narrado em primeira pessoa através do protagonista Meursault, quem a crítica chamaria de “homem absurdo”. Segundo Fábio Barbosa e Aparecido Júnior (2010, p. 251-262):

O absurdo remete a noções como a ausência de sentido, a inconformidade com as leis da coerência e da lógica. O termo é utilizado para designar textos que não possuem lógica interna e não obedecem a determinadas regras ou condições. Aqui, a desconstrução textual pode ser considerada uma tentativa de redução de um texto a um estado *ad absurdum*, isto é, a revelação das suas contradições internas e impossibilidades lógicas, quer sejam imanentes ao texto quer lhe sejam impostas.

A literatura do absurdo, sob essa ótica, vale-se de uma série de características, nas quais encontramos a contraposição da idéia de vida individual e livre arbítrio. As decisões de um homem são seguidas de fatos aparentemente absurdos e irracionais, de modo que suas atitudes devem ser levadas até as últimas conseqüências. Na tradição racionalista da modernidade o homem é colocado no centro de tudo, é na literatura do absurdo que temos o seu despedaçamento, o afloramento de suas angústias e anseios. Na literatura do absurdo há um embate entre homem solitário e mundo sem sentido. Para Camus o absurdo sai da ótica do niilismo para chegar até ao ponto da revolta. O absurdo existe como uma forma de burlar os mecanismos de controle da própria modernidade, imposições da humanidade. O absurdo não representa a extrema falta de esperança, mas o contrário. O absurdo, na verdade, sempre foi motivo de indagações de Camus, que tentava compreendê-lo e combatê-lo. É este, pois, o ponto inicial do desenrolar dos questionamentos filosóficos em Camus, que recebe o título de existencialista, embora ele mesmo o contradiga, já que o autor afirma sua dedicação voltada aos temas do absurdo e da revolta.

O Sr. Meursault (só é possível conhecer seu sobrenome) representa o homem que já não aposta mais no sentido do mundo e da ciência para seguir com sua existência, mas se lança à angustiosa promessa

sartreana de liberdade, pois é este o homem do século XX, aquele que sofre da exacerbação de subjetivismo, processo iniciado desde os primórdios da civilização moderna e dilacerado após as experiências das duas grandes guerras mundiais. O homem que se encontra só no mundo e livre depois da morte de Deus decretada pelo filósofo alemão Friedrich Nietzsche. Esse é um dos pontos principais de nossa discussão, que se inicia com a morte de Deus e a superação do homem pelo super-homem nietzschiano. O fim do homem e o início da era do super-homem, este ser com plena consciência de si, que busca o *cuidado de si*<sup>4</sup> foucaultiano, para se ver livre dos aparelhos estatais de ordem, observação e punição, livre dos dispositivos<sup>5</sup>.

É baseado no último curso de Michel Foucault *Courage de la vérité*<sup>6</sup> (1983-1984) que iremos seguir com nossa análise do personagem Meursault, de modo que possamos verificar que sua existência outra, livre das convenções sociais, representa uma forma bela de existência proposta pelo pensador francês.

---

<sup>4</sup> O cuidado de si é uma forma de síntese, um ponto de conexão, entre a história da subjetividade e as formas de governabilidade. O exercício do cuidado de si está ligado a duas grandes zonas: ao poder e à governabilidade, ambos intrinsecamente ligados à ética.

<sup>5</sup> Giorgio Agamben esclarece em seu livro *O que é o contemporâneo? E outros ensaios* (2006) a noção foucaultiana de dispositivo e diz: “chamarei literalmente de dispositivo qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes. Não somente, portanto, as prisões, os manicômios, o Panóptico, as escolas, a confissão, as fábricas, as disciplinas, as medidas jurídicas, etc., cuja conexão com o poder é num certo sentido evidente, mas também a caneta, a escritura, a literatura, a filosofia, a agricultura, o cigarro, a navegação, os computadores, os telefones celulares e – por que não – a própria linguagem, que talvez é o mais antigo dos dispositivos, em que há milhares e milhares de anos um primata – provavelmente sem se dar conta das conseqüências que se seguiriam – teve a inconsciência de se deixar capturar” (AGAMBEN, 2009, p.41).

<sup>6</sup> *A coragem da verdade* é seu último curso ministrado no Collège de France, cuja publicação se limita somente à língua francesa que abrange os estudos da noção de *parrhesia*.

Há nos jogos de verdade, como nos jogos para cuidar-se e conhecer-se<sup>7</sup> o perigo de que, determinados sujeitos, procurem mostrar o que sabem, procurem conduzir outros sujeitos, buscando orientá-los, por meio de diferentes afetos, apresentando possibilidades para movimentar e vincular as pessoas entre si e visualizar no outro sua capacidade de pensar, decidir e participar, exercendo sua liberdade. A coragem da verdade deve se libertar de todas as formas de controle externas ao sujeito, e, através das várias práticas de exercícios de subjetivação propostos por Foucault é que podemos num ato transgressor fazer valer a verdade do sujeito, pois para que haja um sujeito, deve também haver verdade e esta deve ser alcançada longe das convenções. O dizer verdadeiro não deve ser jamais imposto pelas instituições de poder, mas sim, construídos pelo próprio sujeito:

Nada é mais inconsistente do que um regime político indiferente à verdade; mas nada é mais perigoso do que um sistema político que pretende prescrever a verdade. A função do “dizer verdadeiro” não deve tomar forma de lei, como seria igualmente vão acreditar que ele consiste de pleno direito nos jogos espontâneos da comunicação. A tarefa do dizer verdadeiro é um trabalho interminável: respeitá-la em sua complexidade é uma obrigação que nenhum poder pode economizar. Exceto para impor o silêncio da escravidão (FOUCAULT, 2006, p. 251).

Tal imposição da verdade ocorreu no século XX de forma paroxística por intermédio dos totalitarismos, em especial sob o comando do Nazismo. Por meio da imposição de um pensamento que correspondia à verdade hitlerista.

Superar as convenções e substituí-las pelo desenvolvimento da própria subjetividade livre dos dispositivos é disto que nos fala Foucault. Meursault é a representação do homem na

<sup>7</sup> O conceito de *cuidado de si* é um tema já tratado pela antiguidade clássica, desde Platão até os filósofos epicuristas e estoicos. O conceito de *parrhesia* implica no falar verdadeiro, ou dizer verdadeiro.

modernidade aprisionado pelos dispositivos impostos pela sociedade moderna, sua cruzada pela libertação do pensamento (presos aos dispositivos) também aponta para uma tentativa de ressurreição do sujeito.

Grande parte do pensamento de Foucault foi voltado para a negação da noção de sujeito, pois para ele o sujeito existe para afirmar as relações de dominação e poder, podemos então dizer que o sujeito acaba por renascer dentro da lógica de combate foucaultiana, pois, a partir do momento em que negamos algo, damos-lhe a voz da existência de volta. Beatriz Sarlo em seu livro *Tempo passado* (2005) revela-nos ser esta uma tendência que floresceu depois do apogeu estruturalista nos anos 70:

Quando essa guinada do pensamento contemporâneo parecia completamente estabelecida, há duas décadas, produziu-se no campo dos estudos da memória e da memória coletiva um movimento de restauração da primazia desses sujeitos expulsos durante os anos anteriores. Abriu-se um capítulo que poderia se chamar “O sujeito ressuscitado” (SARLO, 2008, p. 30).

A aceitação dos relatos dos sobreviventes de Auschwitz, dando-lhes credibilidade só corrobora a ideia de ressurreição do sujeito, a partir do momento em que a sua voz tem o poder jurídico de incriminar os algozes nazistas.

O que restou de Auschwitz<sup>8</sup> só pôde ser transmitido através dos judeus sobreviventes e dos soldados. Deles temos uma má testemunha de todo o ocorrido, já que não se encontravam livres do trauma experimentado e não vivenciaram as últimas conseqüências

---

<sup>8</sup> Giorgio Agamben em seu livro *O que resta de Auschwitz* (1998) procura salientar a necessidade de se continuar narrando sobre Auschwitz principalmente a respeito daqueles que poderiam ter dado seu depoimento, mas que foram silenciados pela morte.

assim como os muçulmanos<sup>9</sup>. Os relatos representam uma tentativa de libertação do sujeito até então silenciado.

É nesse silenciar de vozes sufocadas que se dá a crise da produção narrativa, pois segundo o pensador alemão Walter Benjamin a sua fonte primeira era oriunda da oralidade. As histórias anteriormente contadas oralmente perdem com essa incapacidade do homem pós-guerra de relatar o ocorrido. Sob a égide deste pensamento analisamos o personagem Meursault, como um silenciado, a representação de uma vítima do anseio nacional-socialista por destruição.

Assim inicia seu relato Meursault: “Hoje, mamãe morreu. Ou talvez ontem, não sei bem” (CAMUS, 1999, p.7). Meursault vai ao enterro de sua mãe e lá, ao contrário do que se esperava, não mostra nenhuma emoção, ou melhor, o que mostra é indiferença para com todos os trâmites relativos ao funeral de seu funeral. O personagem é posto à prova em várias situações, nas quais existe uma determinada expectativa por parte das pessoas em torno do enterro. Contudo, o que percebemos é um desarticular de tais expectativas em nome de sua verdade. Frédéric Gros (2004, p.11) nos fala disso ao analisar em seu livro sobre o curso de Foucault *Le courage de la vérité*, para quem a coragem da verdade é indissociável da ideia de discurso livre: “a *parrhesia* é a liberdade de linguagem, o dar a liberdade de falar, o falar francamente, a coragem da verdade”. Ao expor sua verdade, que vai

---

<sup>9</sup> Os muçulmanos, no contexto da Segunda Guerra Mundial eram os seres quase abjetos que povoavam Auschwitz. Os muçulmanos eram considerados figuras pelo simples fato de que seus cadáveres pareciam com bonecos, já não possuíam aspectos que os caracterizassem como seres-humanos. A figura do *Muselmann* era uma espécie de morto-vivo, ou inumano e que dentro dos campos de concentração se encontravam em um estágio difícil de ser definido como ser - humano: “o muçulmano é um ser indefinido, no qual não só a humanidade e a não-humanidade, mas também a vida vegetativa e a de relação, a fisiologia e a ética, a medicina e a política, a vida e a morte transitam entre si sem solução de continuidade” (AGAMBEN, 2008, p. 56). Agamben os considera como as verdadeiras testemunhas, mas que foram silenciados pela morte, de modo que jamais poderíamos ter seu relato.

de encontro às convenções, Meursault está exercendo sua *parrhesia*. Ir ao cinema no dia do enterro da própria mãe é mais uma prova de desarticulação dos dispositivos ou das convenções existentes em nossa sociedade em nome de sua verdade<sup>10</sup>.

A singularidade em Meursault é cínica. Os cínicos são apontados por Michel Foucault como aqueles que melhor souberam usar seu direito de *parrhesia*. A filosofia cínica tem como característica certa dureza no uso da fala, uma franqueza rude que se assemelha ao discurso de Meursault, o que torna seu modo de vida particular e único, do qual podemos extrair uma beleza singular. É através de sua coragem da verdade que o protagonista põe sua vida à prova, de forma escandalosa.

Mas o que entender por verdade? Ou coragem? Desde os diálogos platônicos *Laques* e *Alcebiades*<sup>11</sup> constatamos a relatividade destes dois vocábulos. A verdade como uma forma de provocação só será legitimada por Foucault depois de passar pelas seguintes formas de verificação: a verdade é o que não é oculto, o que não é dissimulado, mas é aparente. A verdade é o que é puro, sem alterações. A verdade é retilínea, mantém-se fiel em seu propósito. E por fim, a verdade é incorruptível e permanece idêntica a si mesma. Os cínicos, não obstante seus critérios outros de verdade, valiam-se de tais assertivas, mas de uma maneira transgressora. Fazem uma caricatura delas através de seu comportamento exagerado. Masturbar-se, por exemplo, em praça pública, surge como uma forma hiperbólica de exercer seu direito de verdade. Eles faziam suas necessidades físicas

<sup>10</sup> Devemos ter muito cuidado com a palavra “verdade”. Interpretá-la em Foucault como “verdade cartesiana ou absoluta” seria subestimar o pensamento do autor francês. A coragem da verdade de Foucault nada mais é que a liberdade de assumir as idiossincrasias, mesmo que elas possam chocar.

<sup>11</sup> Foucault diferencia os dois diálogos de forma que para ele no *Alcebiades* temos o cuidado de si determinado e guiado pela conduta da alma do sujeito. Trata-se, então, do conhecimento da alma. A outra linha deste pensamento vem representada através do diálogo *Laques*. Aqui o objeto do cuidado de si é a *bios*, a vida, segue através da vida submetida a regras do próprio sujeito, dá-se uma forma à própria existência.



diante de todos simplesmente porque achavam que tais processos naturais dos seres vivos não precisavam ser escondidos dos olhos de todos. Sua verdade é de ruptura com as expectativas da sociedade:

Parece-me que no cinismo, na prática cínica, a exigência de uma forma de vida extremamente caracterizada - com regras criações ou modas muito caracterizadas, muito bem definidas – está articulada muito fortemente sobre o princípio do dizer - verdadeiro, do dizer - verdadeiro desavergonhado e sem temor, dizer-verdadeiro ilimitado e corajoso, do dizer-verdadeiro que empurra a sua coragem e sua ousadia até se tornar intolerável insolência. Esta articulação do dizer-verdadeiro sobre o modo de vida, essa ligação fundamental, essencial no cinismo entre viver de uma certa maneira e dedicar-se ao dizer verdadeiro são tão mais notáveis quando se fazem, em certa medida, imediatamente, sem mediação doutrinal, ou, em todo caso, no interior de um quadro teórico bastante rudimentar<sup>12</sup> (FOUCAULT, 2009, p.08).

Meursault prossegue com uma vida simples, sem objetivos, sem ambições, sem sobressaltos. É em sua vida simples e em seu discurso verdadeiro que identificamos o elemento cínico do personagem.

Não menos ortodoxo é seu relacionamento com Marie, pois foge a todos os padrões e rompe com todas as expectativas da sociedade. Ao ser perguntado se ele gostaria de se casar com ela responde que “tanto fazia, mas se ela queria poderíamos nos casar. Quis, então, saber se eu a amava. Respondi, como, aliás, já respondera uma vez, que isso nada queria dizer, mas que não a amava” (CAMUS, 1999, p. 45). O personagem procura manter o equilíbrio necessário para continuar com sua existência, mas não consegue corresponder com as exigências da sociedade.

Meursault pertence igualmente a essa força do pensamento que desarticula e não deixa de dizer. Ele é o representante de uma comunidade inoperante<sup>13</sup>, é uma figura que nem se fecha, nem

<sup>12</sup> Tradução do prof. Dr. Pedro de Souza utilizada na disciplina “Vida e obra: retomada em torno do tema do estilo de existência”. Não há tradução do livro em português.

<sup>13</sup> Jean-Luc Nancy diz que repensar a comunidade em termos distintos daqueles que, na sua origem cristã, religiosa, a tinham qualificado, repensá-la em termos do

deixa capturar sua singularidade. Leva seu pensamento através de caminhos sinuosos. Não somente o pensamento é força motriz, mas também o não-pensamento é potência.

“I would prefer not to” do personagem Bartleby do escritor Herman Melville<sup>14</sup>, como exemplo do desarticular do outro através do não-pensamento, o que Gilles Deleuze em *Crítica e clínica* (1993) chama de *fórmula*. O advogado em Bartleby revela não encontrar nele nenhum traço humano, já que o protagonista não corresponde aos padrões comuns já determinados, principalmente, através da fala. Em “Bartleby, ou a fórmula”, Deleuze mostra que é esse o procedimento do personagem de Melville:

A fórmula I WOULD PREFER NOT TO exclui qualquer alternativa e engole o que pretende conservar assim como descarta qualquer outra coisa; implica que Bartleby pára de copiar, isto é, de reproduzir palavras; cava uma zona de indeterminação que faz com que as palavras já não se distingam, produz o vazio da linguagem. Mas também desarticula todo ato de fala, ao mesmo tempo que faz de Bartleby um puro excluído, ao qual já nenhuma situação social pode ser atribuída (DELEUZE, 1997, p.85).

A in-diferença é motor do acontecimento; a linguagem cria o evento, do mesmo modo que a não-linguagem. Na literatura podemos

---

comum e a dificuldade de compreendê-lo em seu caráter não dado, não disponível e, nesse sentido, o menos comum do mundo. Mesmo a comunidade inoperante, como chama Nancy a partir de seus estudos de Bataille, com sua recusa dos Estados-nação, partidos, assembléias, povos companhias ou fraternidades, deixava intocado esse domínio do comum e o desejo (e a angústia) do ser-comum que os fundamentalismos instrumentalizam crescentemente. A coragem da verdade de Meursault é que legitima e assegura sua singularidade em sua comunidade que enfrenta o comum. Tal pensamento se assemelha ao de Giorgio Agamben em seu livro *A comunidade que vem* quando este diz que essa comunidade é aquela que o Estado não pode tolerar. Uma singularidade qualquer que o recuse sem constituir uma cópia espelhada do próprio Estado em uma imagem que possa ser reconhecida nesse sistema.

<sup>14</sup> Personagem de *Bartleby, The Scrivener* (traduzido para o português como *Bartleby, o Escrivão – Uma História de Wall Street* ou como *Bartleby, O Escriturário*), do estadunidense Herman Melville (1819-1891), publicado pela primeira vez em 1853.

encontrar vários exemplos. Assim como o Bartleby de Melville temos também a personagem Macabéa do romance *A hora da estrela*,<sup>15</sup> de Clarice Lispector em torno dessa mesma intrasitividade, o que a torna singular, do mesmo modo como o protagonista de *O estrangeiro* de Camus. Meursault paga com a própria vida pelo seu silêncio, pela sua indiferença, assim como Macabéa e Bartleby<sup>16</sup>.

Através de sua verdade desliza-se entre o interlocutor. É dessa maneira uma singularidade. A morte do personagem Meursault é puro acontecimento. Segundo Michel Foucault, em relação à morte e ao acontecimento em seu "Theatrum Philosophicum": "O acontecimento não é um estado de coisas que poderia servir de referente a uma proposição (o fato de estar morto é um estado de coisas em relação ao qual uma asserção pode ser verdadeira ou falsa; morrer é puro acontecimento que jamais verifica nada)" (FOUCAULT, 2000, p.236). Devemos, pois, pensar na morte como uma aliada do pensamento, do acontecimento, do fantasma, da diferença e da repetição. Sob esta dimensão é correto pensar a morte do personagem Meursault como puro acontecimento, um vislumbre.

*O estrangeiro* é a representação da cada um de nós e sua coragem de verdade tem como preço sua própria vida. É na hora da nossa morte que o ser humano deixa de ser invisível às pessoas, que percebem que ele existe apenas quando já não existe mais. Toda morte é uma singularidade, um acontecimento. A morte de Meursault é um acontecimento, é, pois, uma singularidade. Deleuze em *Crítica e clínica* traduz a singularidade por originalidade e diz:

---

<sup>15</sup> O romance de Clarice conta a história da datilógrafa alagoana Macabéa, que migra para o Rio de Janeiro, tendo sua rotina narrada por um escritor fictício chamado Rodrigo S.M. Macabéa recebe aqui uma leitura que a retira do lugar-comum de retirante e devolve-lhe sua singularidade.

<sup>16</sup> Nos dois exemplos citados os dois personagens têm a morte como acontecimento. A morte é o acontecimento maior que cala, mas que assim como o silêncio de Bartleby ou a tolice de Macabéa é potência do pensamento.

Cada original é uma potente Figura solitária que extravasa qualquer forma explicável: lança flamejantes dardos-traços de expressão, que indicam a teimosia de um pensamento sem imagem, de uma questão sem resposta, de uma lógica extrema e sem racionalidade (DELEUZE, 1997, p. 95-96).

A respeito de Meursault, vemos sua singularidade apenas pelo fato de ele existir, por estar lá. As convenções ou os dispositivos desarmam de início sua singularidade, procuram apagar sua identidade para torná-la nula. O singular representa uma figura marginal, fora das leis da sociedade pré-estabelecidas.

Se a repetição é transgressão o fantasma gira em torno da repetição, pois de acordo com Foucault: “a metafísica do fantasma gira em torno do ateísmo e da transgressão” e conclui a respeito de *Lógica do sentido*. “*Lógica do sentido* nos diz como pensar o acontecimento e o fantasma” (FOUCAULT, 2008, p.234), ou seja, como pensar a singularidade, a diferença e a repetição, ou, simplesmente, como pensar. Para poder pensar é necessário transgredir, subverter. Em *O estrangeiro*, a transgressão que se dá através da coragem da verdade do protagonista é uma condição *sine qua non* da existência, essa busca pela repetição potencializada pela diferença. Quando a transgressão utiliza o discurso falado por todos os homens, como saída para o enfrentamento, contrai para si a mesma linguagem da lei. A resistência passiva e inoperante de Meursault vai além, porque desmonta a linguagem padrão, e é aí onde reside seu poder transgressor, subversivo, cínico.

É o que nos ensina Deleuze em sua *Lógica do sentido*. Subverter o platonismo não quer dizer negá-lo, mas sim, apontar nele possibilidades que devem ser resgatadas e lidas de outra forma na modernidade, como por exemplo, a noção de simulacro.

Deve-se, pois potencializar a noção de simulacro para poder resgatá-lo. A simulação nada mais é senão o próprio fantasma; o

simulacro pertence às profundezas, o fantasma à superfície, efeito do funcionamento do simulacro. Nesse sentido, a reversão do platonismo é, então, na perspectiva de Deleuze, não simplesmente tornar o mundo sensível mais importante que as Idéias, mas a aceitação do simulacro, ou seja, é fazer com que ele afirme seus direitos entre as cópias. Este é, pois, nosso objetivo, resgatar a personagem Meursault de um mundo em que o comum impera, tornando-o singular, devolvendo-lhe sua condição humana, sensível.

As últimas páginas mostram Meursault em paz consigo, não obstante sua condenação à pena de morte. Para ele fica bem clara sua impotência diante de um mundo regido por leis que lhe escapam muitas vezes à compreensão: “A paz maravilhosa deste verão adormecido entrava em mim como uma maré. Neste momento, e no limite da noite soariam sirenes. Anunciavam partidas para um mundo que me era pra sempre indiferente” (CAMUS, 1999, p. 125-126).

### Referências

- \_\_\_\_\_. “O cuidado com a verdade”. In: *Ditos e escritos vol. V*. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Courage de la vérité. Le gouvernement de soi et des autres II. Cours au Collège de France, 1984*. Seuil Gallimard, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Crítica e clínica*. Tradução de Peter Pál Pebart. São Paulo: Ed.34, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Lógica do Sentido*. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- \_\_\_\_\_. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III)*. Tradução de Selvino J. Assman. São Paulo: Boitempo, 2008.
- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

BARBOSA, Fábio; JÚNIOR, Aparecido. “Representações do absurdo e da loucura em Marat/Sade, de Peter Weiss”. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras e cognição n. 41, 2010.

CAMUS, Albert. *O estrangeiro*. Tradução de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: Record, 1999.

DELEUZE, Gilles. *Diferença e Repetição*. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FOUCAULT, Michel. “Teatrum Philosophicum”. In: *Ditos e escritos vol. II*. Tradução de Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GROS, Frédéric. *Foucault: a coragem da verdade*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Tradução de Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.